

Quero voltar para minha empresa e trabalhar

N. 1/9/88 p.3

♦ "Queimaram o que não conseguiram
levar" — recorda, com amargura o entrevistado

por António Barros, nosso correspondente

Electricista de profissão, Sebastião Armazia, foi sempre um trabalhador honesto e chefe de família exemplar, que vivia na aldeia de Ruace, algures no distrito de Gúrué, onde com zelo e dedicação exercia a sua profissão, às vezes sem os meios necessários. Casado e pai de cinco filhos, Sebastião Armazia vive agora sem nenhum dos seus bens, os quais foram conseguidos ao longo de muitos anos de sacrifício, pois foram todos pilhados pelos bandidos armados, quando em Junho de 1986, às cinco horas da manhã, assaltaram a aldeia para roubar e destruir.

Roubaram tudo o que era comida. Cabritos, porcos, galinhas, coelhos. Queimaram o que não conseguiram levar, incluindo camiões, tractores, es. críticos.

Sebastião, esposa e filhos com mais duas crianças cujos pais foram mortos barbaramente, pelos criminosos foram raptados pelos bandidos armados e com eles viveram compulsivamente, dois anos.

Aquilo que passei é difícil esquecer mas não quero contar, porque não me quero recordar de coisas tão horribéis — disse o nosso entrevistado que por causa da insistência do jornalista acrescentou que eles não respeitam o ser humano... «Quando reclamava diziam que morre você, está a reclamar porque? Eu pessoalmente a Armazia, como dabo com a minha filha no colo, quando ela chorava diziam para eu a matar e deitar fora. Eu perguntava: mas de tar fora? Quando ela crescer não vai produzir? Eles diziam: uma pessoa não interessa. Não nos importa uma pessoa.

Eu mandava calar a minha filha e quando ela chorava, eu tinha que tapar a boca dela, para não se ouvir o choro...»

...Uma pessoa tinha que se submeter a eles para não ser morto. Eu suportei muito. Eles diziam para não termos relações com as nossas mulheres. Mas eles pegavam-nas, metiam-nas dentro de casa e faziam o que eles entendiam. Ios, os maridos tinhamos que ficar fora com os olhos no chão. Quando alguém reclamava era «porrada» na cara. Com aquilo, a pessoa, cheia de medo não falava nada. Só olhava — desabatou o nosso interlocutor.

A história e os pesadelos vividos por Sebastião Armazia, são iguais ou parecidos com os de todos os cidadãos que compulsivamente se viram obrigados a viver vários anos com os bandidos armados.

Em Junho de 1988 volvidos dois anos e após muito sofrimento, aquele cidadão e sua família conseguiram fugir dos bandidos armados, porque não suportavam o sofrimento.

Recolhi a minha família toda comecei a andar sem saber bem o destino e fui parar na província de Tete. Na zona de Nhamgoma, fui novamente apanhado pelos bandidos, no distrito de Mytarara. Fiquei retido um mês. Fu-

gi novamente com toda a minha família e numa canoa atravessei o rio Zambeze em direcção ao distrito de Morrumbala. Levei uma outra mulher, de nome Cecília Kaponda, com os seus dois filhos, pois o marido tinha morrido devido aos maus tratos.

Na zona de Pinda fui novamente apanhado pelos bandidos e lá fiquei todo o ano de 87.

Em Maio de 88 tentei novamente fugir mas fui apanhado pelos criminosos que desta vez me levaram para Megaza, onde fiquei três semanas.

Depois apareceram as nossas forças que destruíram o acampamento deles. Na fuga, a minha mulher e a outra senhora e mais uma criança de-

sapareceram. Três crianças pequeninas foram para outra parte. Eu e mais seis crianças estávamos noutra zona, pois tínhamos ido comprar farinha que vem do Malawi. Eles não têm farinha e esta vem do Malawi e tínhamos que trocar com lenha. Ficamos assim sem saber uns dos outros, escondidos no mato durante três dias. No terceiro dia encontrei as crianças. Eu pensava que a minha mulher e a Cecília Kaponda já tinham morrido. Então decidi fugir novamente em direcção a Morrumbala na companhia das nove crianças.

Os bandidos, depois do combate com as FPLM, uns fugiram para o Malawi e outros ficaram ali mesmo, mortos. Quanto Armazia caminhava em direcção a sede do distrito de Morrumbala, encontrou-se com os soldados das FAM a quem contou tudo o que lhe tinha acontecido e eles levaram-no até às autoridades. Deram-me alimentação e tratamento às crianças e roupa.

Eles disseram-me que dias antes tinham chegado ali duas senhoras que diziam que o marido de uma delas tinha morrido com os filhos. Pedi os nomes delas. Hermínia que é a minha mulher, Cecília Kaponda que é a viúva que amparei. Eu disse: são essas, mostrem-me onde elas estão. Acompanharam-me até onde elas se encontravam, quando a minha mulher me viu começou a chorar. Prossegue Armazia.

Sebastião Armazia, vive agora feliz com a sua família, da qual fazem parte mais cinco pessoas, tendo em conta que ele recolheu dois órfãos e uma viúva com dois filhos. Agora a família Armazia é constituída por doze pessoas e ele quer voltar à sua zona de origem no Gúrué.

«Quero voltar a trabalhar na minha empresa, não sei se me vão aceitar» concluiu.